RIBEIRO DA SILVA

A CAÇADORA DE NOIVOS

COMEDIA EM 1 ACTO

RECIFE
1882

Pamphlet
19thCent
368

A "Gazeta de Noticias"

THEATRO RIBEIRINHO

(3.º ENSAIO)

Off. o Autor.

A CAÇADORA DE NOIVOS

COMEDIA EM 1 ACTO

ORNADA DE COUPLETS

ORIGINAL DE

J. C. Ribeiro da Silva

Representada pelo NUCLEO DRAMATICO em 7 de Setembro 1877

A musica é do maestro MARCELINO CLETO

IBERO-AMERICAN LIBRARY
CATHOLIC
UNIVERSITY OF AMERICA
WASHINGTON, D.C.

PERNAMBUCO
TYPOGRAPHIA COSMOPOLITA
Rua do Imperador, 8
1877

Pamphlet
19th Cent
368

6437.

AOS SEUS AMIGOS E COLLECAS

AGOSTINHO J. DE OLIVEIRA JUNIOR

GASPAR REGUEIRA COSTA

PARTICULAR DEDICAÇÃO DO

Autor

[redacted]

Meus Amigos

A vocês, que perfeitamente conhecem a dedicação que tenho pelas lettras, e que sempre, como verdadeiros amigos, me têm animado a proseguir nessa luminosa, quanto espinhosa senda, em cujo termo ha sempre uma gloria desejada, dedico e lhes confio a minha terceira tentativa, filha de algumas horas roubadas aos affazeres da escola, producção sem um nome que lhe possa encobrir as faltas, desprotegida desses colloridos que só bem sabem traçar aquelles que conhecem como verdadeiros cultivadores o vasto campo da litteratura, trabalho baldo no todo de aspirações á fama ; mas que é a verdadeira prova da amisade e dedicação que lhes consagro.

Passe mui embora desapercebido ; escrevi-o para vocês e nenhuma protecção tem além dos nomes que ahi deixo em sua primeira pagina.

A *Caçadora de Noivos*, longe de almejar um nome, pede apenas um acanhado lugar entre a grande bibliotheca da litteratura nacional.

Aos judiciosos peço benevolencia ; aos *criticos de personalidade*, dou a minha indifferença.

Vai nesse trabalho um voto de gratidão á amisade que vocês sempre me prodigalisaram ; aceitem-no e ficarei satisfeito.

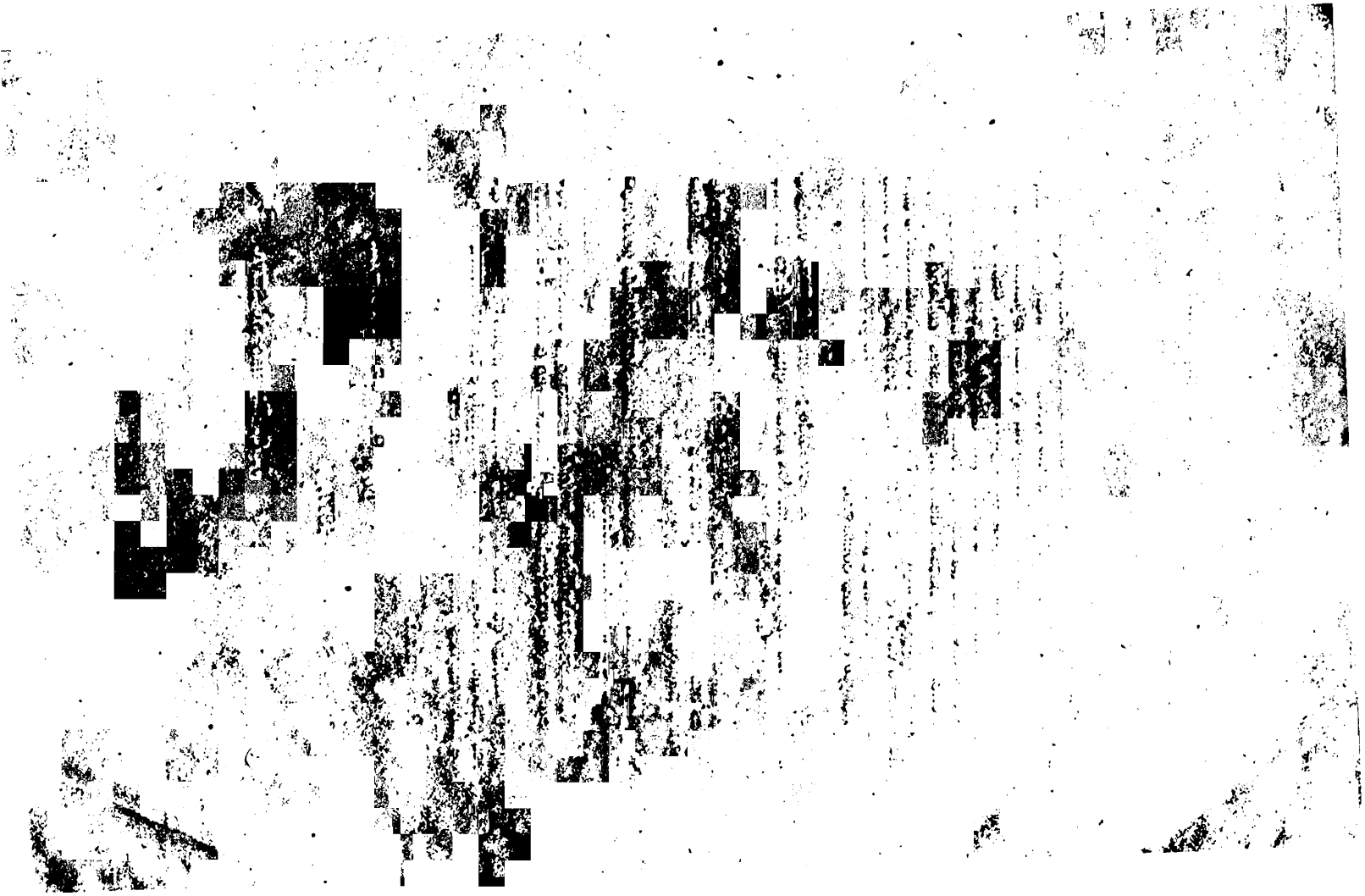
O publico que tão benevolo acolheu os meus dous primeiros ensaios, sel-o-ha ainda em acolhendo este, e relevará o que de incorrecções possa ir neste tentamen.

Proseguirei.

Do amigo dedicado e collega,

Recife, Setembro de 1877.

J. C. Ribeiro da Silva.



PERSONAGENS

LUIZ GONÇALO, commendador	50	annos.
JULIA, sua filha	18	»
OCTAVIO, seu sobrinho	20	»
ESTEVES PANCRACIO, capitalista usurario.	50	»
POLICARPO, guarda-livros	25	»
FREDERICO, estudante	20	»
MERELLES, hoteleiro	30	»
VENTURA, creado do commendador	25	»

A scena passa-se no Recife.

Epocha — a actualidade.

São reservados os meus direitos.

A CAÇADORA DE NOIVOS

ACTO UNICO

Sala de visitas decentemente mobiliada em casa do commendador; consolos com serpentinas, em cima de um delles um binoculo, jarros de flores, tinta, papel, etc., etc.; no outro um relogio; espelho de moldura, etc. Ao fundo 3 portas, sendo a do centro para entrada geral; á esquerda porta e janella que deitam para um jardim; á direita 2 portas para o interior.

SCENA I

JULIA, *ao levantar do pano entra da esquerda de lencinho ao pescoço, trazendo algumas flores.*

JULIA.— (*Cantarolando e indo depor as flores nos jarros:*)

" Sou namorada
De minhas flores; "
Mas são-me poucos
Estes amores!

E são poucos! Amores de perfumes que morrem com a despedida da primavera; amores que, se nos embriagam um instante, em breve deixam-nos, porque se murcham as flores! Só os favonios das tardes amam a esses amores! São amores de inspirações! (*pega do binoculo e applica-o pela janella*) Como é faceiro!... Que gestos!... (*tira o lenço e acena*) Tão jovial que elle é!... Tão lourinho!... (*faz com a cabeça signal affirmativo*) Mas... ah!... adeus (*desce á scena*). Como elle é gamenho! Como é *chic!* Mas tenha paciencia que vou dar audiencia a outro, pois já lá vão nove horas. (*Vai a d. fundo e applica o binoculo*) Ei-lo de mangas arregaçadas, firme ao portal do hotel como um judas de alleluia em qualquer esquina! Como está tão embevecido para o sotão, com uns olhares tão languidos que parecem estar dizendo: Ella hoje não apparece; não me vem dar o bom dia de todo dia! Pobre de meu *benjoin!* (*dá adeus e desce á scena*). Como se enganam todos! A's vezes tenho compaixão desses *enche-horas*: coitadinhos, são uns *tolos!* Meu amor, o amor ardente que se agasalha aqui no meu seio,

está tão longe! Chorado primo Octavio! Mas emquanto não chega o primo, vamos distrahindo o tempo com esses prestaveis interpretes. E' bom não zangal-os; prevenção no caso; em me faltando o primo Octavio tenho quatro a escolher! (*pausa*). Não posso gostar deste andar terreo; d'aqui apenas vejo o norte e o sul, ao passo que do meu idolatrado mirante descortino todos quatro pontos cardiaes e em cada um delles seus respectivos locatarios. Não ha nada mais agradavel do que o meu sotão! Vamos, meu amavel binoculo, meu inseparavel companheiro de observações, e analysemos os rapazes (*sae pela d. a.*)

SCENA II

LUIZ GONÇALO *entra da d.b. vestindo um robe-chambre, usa oculos e traz um jornal.*

LUIZ GONÇALO. — (*Lendo o jornal, assenta-se.*) « Acaba de ser raptada da casa de seus pais por um moço que a tendo pedido em casamento, lhe fora por estes negada, a menor Angelina de... (*suspende-se*) O que vejo?! Pois é possivel?! A filha do commendador Nunes! Continuemos. (*lendo*) Déra, segundo suppõe-se, motivo a essa fugida a rapida leitura de um romance que produzindo na fragil imaginação da menor uma leviana impressão, levou-a a imitar uma heroina do mesmo. » (*declamando*). Romances! Sempre elles! Pais de familias sensatos não consintais romances no seio de vossas filhas. Mas, que vergonha para o commendador Nunes?! E a sociedade com seus preconceitos? (*chamando*) Julia?! O' Julia?! Está no maldito sotão, não ha duvida; está a macaquear! Mas aonde diabo estou eu que não ponho um paradeiro a esses tresvarios de Julia? Pois será possivel que eu veja o meu nome de commendador manchado, minha reputação mercadejada, por causa de uma insensata e leviana namoradeira? Isto ha de ter seu lugar! (*chamando enraivecido*) Julita?! O' Julita?! Hei de passar-lhe uma *sarabanda* que se ha de corrigir, ou recolho-a a um convento.

SCENA III

O mesmo e JULIA

JULIA. — (*Da d. a. trazendo um livro, senta-se á E.*) Parece que me chamaram? Ora que não possó estar um momento entregue ao meu repouso.

LUIZ GONÇALO. — (*a' parte*) Como vem encandeiada do sol que nem me vê! (*alto*) Fui eu que a chamei. (*levanta-se*)

Veja lá isto, leia! *(dá-lhe o jornal e volta a sentar-se)* Veja que acção bonita e digna de uma moça que se presa, que quer ser respeitada pela sociedade! A filha de um homem de nome, de um titular, fallada assim pelas folhas; isto é bonito?!

JULIA. — *(que tem acabado de ler com indifferença)* Nada mais natural do que uma moça fugir com um homem que ame e que seus pais lhes embargam o laço desse amor! Eu acho muito natural!

LUIZ GONÇALO. — *(á parte)* Que phraseado o della! Que sagacidade de espirito! *(alto)* Então achas decente a filha de um titular, de um commendador fugir com qualquer *quidam*, com qualquer desses janotas, pelo facto de ter lido um romance e entender querer ser a heroina dessa historia?!

JULIA. — *(folheando o livro)* Ora... São tendencias... Fragilidades do sexo!... Achaques da natureza!

LUIZ GONÇALO. — *(com affabilidade)* Senta-te aqui junto de mim, Julita, e ouve-me, ouve a voz de teu pai que te falla por Deus.

JULIA — *(pondo uma cadeira e sentando-se ao seu lado)* Ah! o papai passou de commendador a padre?

LUIZ GONÇALO.— Então levas para o ridiculo, menina?

JULIA — Pois não são os padres os unicos que têm esse poder? E esta! E' sempre o que tenho ouvido dizer!

LUIZ GONÇALO. — E os pais a seus filhos, percebes? Mas que livro é este? E' geographia? philosophia, ou algum tratado sobre a emancipação das mulheres?

JULIA — Podéra! Nada disto; simplesmente os *Quatro pontos cardeaes*... romance.

LUIZ GONÇALO. -*(admirado)* Os *quatro pontos cardeaes*?! Sempre os romances! Malditos romances!

JULIA — Não blaspheme, papai; não blaspheme! Pois não sabe que os romances são a alma das moças?

LUIZ GONÇALO. — *(enraivecido)* Pois fique a senhora sciente de que nesta casa não entra mais nem um romance, percebe? Seja agora elle *Princeza Magalona*, *A donzella Theodora*... o diabo! Hei de tirar-lhe a alma *(toma-lhe o livro e sacode em cima do consolo)*.

JULIA — *(enternecida)* Mata-me então? Pois bem, não farei mais nada; morrerei de desgosto.

LUIZ GONÇALO. — *(com carinhos passando os braços pelo encosto da cadeira)* Porque não has de tomar os sabios e proveitosos conselhos de teu pai? Oh! minha filha, deixa esse viver de borboleta dos amores. Respeita ao menos o nome honrado que até agora tenho gosado na sociedade! Vê os preconceitos, minha filha; os preconceitos!

JULIA — *(á parte)*. Temos prelecções de moral! Sermões de quaresma!

LUIZ GONÇALO. — Pois não vês que isto é feio? Que esta tua maneira de proceder na ausencia de Octavio, vai de encontro á moral social; aos bons costumes?

JULIA.— E' todos os dias a mesma cousa! Eu declaro ao papai que estou sempre alheia aos seus sophismas.

LUIZ GONÇALO. -- Fazes que não os entendes; queres franqueza, não? Pois sim; então achas bonito o papel que representas no sotão? Achas decente e aceitavel teres quatro namorados para os quaes ao mesmo tempo e de um ponto unico, serves por certo de distração; achas? Responde-me agora.

JULIA. -- (*com toda indifferença*) Pelo que vejo quer então o papai constituir-me celibataria? Pois olhe, parece-me pouco ou nada apologista desta torpe instituição quando já se casou trez vezes! Olhe, trez vezes!

LUIZ GONÇALO -- (*á parte*) Que espirito! Estou admirado! [*alto*] O que eu vejo é que muito breve terei de ouvir pelas ruas da cidade, pelos cafés, bilhares, theatros, kiosques, estações, e até nos bonds, a filha do commendador Luiz Gonçalo appelidada pela —caçadora de noivos!— Isto ha de ter seu termo, percebes?

JULIA -- E' preciso experimental-os para melhor e bem acertada escolha. Olhe, eu prometto ao papaisinho que hei de [*com galhofa*] caçar um noivo que satisfaça as minhas exigencias: bonito, cabellos louros, olhos azues como os campos do ceu, um verdadeiro D. Juan; e o que é mais, segundo a do papai, rico. Ora, verá se o promettido não será cumprido!

LUIZ GONÇALO -- (*que a tem ouvido comprimindo a exaltação*) Não ridicularises o que digo. Ao contrario mando-a trancafiar n'um convento, já me foge a paciencia!

JULIA. — (*fingindo sentimento*) Sempre rigores! Sempre reprehenções! Eu estouro, o papai quer assim...

LUIZ GONÇALO. -- Cale-se! cale-se! Já não posso supportar por mais tempo as bandalheiras e tresvarios de moça!

JULIA -- (*levantando-se arrufada e pondo a cadeira onde tirou*) E nem eu tão pouco as impertinencias de velho! (*sae pela D. a.*)

SCENA IV

LUIZ GONÇALO (*só*)

LUIZ GONÇALO -- (*passeiando contrariado*) Isto não pode assim continuar por mais tempo! Não tem geito! Mas não faz mal, não, senhor Luiz Gonçalo, quem o mandou instruir de mais a menina; já não era sufficientemente espirituosa! Tome agora na cabeça aos 50 annos! Instrucção para mulher! Qual instrucção! Eu arranco os cabellos! (*canta*)

Se isto assim continúa
Não sei onde vá parar!
Pois da menina os namoros
Já não posso supportar!

Já não sei mais o que faço,
Sou capaz de enlouquecer,
Em pensando noite e dia
O fim que isto ha de ter!

Pois é possivel que o nome do commendador, honra, velhice, probidade e dignidade sejam atacadas em minha passagem pelas ruas, por esses desacatados, por centenares de linguas ferinas que vagueiam por esta cidade e que bem merecem ser decepadas? Eu arranco os cabellos! A Julia não tem juizo; como toda a cabeça de moça, é um cabaço cheio de nada! Até hontem vivia eu illudido: pensava eu, e era logico, que a estada fixa no mirante tinha como consequencia a leitura, o fresco, a costura, o silencio... mas qual! A menina habita ao sotão para viver n'um continuo namoricar: namora ao sul, namora ao norte, a éste e oeste (*sorvendo uma pitada*)! O' escandalo! E que taes os *cujos*... os favonios... Um caixeiro de escriptas, um *dandy* de um estudantinho, que leva o tempo a garatujar versalhadas em todos os periodicos da cidade; um ratão de um hoteleiro, e um velho usurario! Vejam que genros! estou servido! Se ainda o velho podesse chamar a si toda affeição e amor della... ainda... ainda... Pouco importava a minha palavra com Octavio. E' velho, mas pensa, tem juizo e sobre tudo qualidades meritorias: rico e economico! Se isto acontecesse... O' ventura!

SCENA V

O mesmo e VENTURA

VENTURA. -- (*da d. b.*) Prompto? Chama-me V. S.?

LUIZ GONÇALO. -- Quem o chamou? Retire-se...

VENTURA. -- Como ouvi V. S. dizer ventura...

LUIZ GONÇALO. -- Repare estes moveis. Tenho que sair: quem cá vier não tem ingresso, não estando eu em casa, entende?

VENTURA. -- Nem mesmo o freguez que bota agua?

LUIZ GONÇALO. -- Quer se fazer de gaiato?

VENTURA. -- Pois V. S. não disse que não estando em casa não entra ninguem? O homem d'agua tem-se em conta de alguem.

LUIZ GONÇALO. -- Observe minhas ordens e tem feito. (*sae pela D. a.*)

SCENA VI

VENTURA *e logo* LUIZ GONÇALO

VENTURA -- (*Ordemnando os moveis*) Deu-lhe hoje o *flauto* para grasinar! ainda não vi commendador mais lambareiro; é um maniaco em fallar. Quer, á força por força, pôr á força redeas aos desvarios de D. Julita; cuidou tarde! Hoje a creança é a senhora de suas vontades; tomou o folego do velho e só não ha de namorar para o sul, norte, éste e oeste como tambem para o nadir e zenith: se é genio!... O commendador entende que esses negocios de namoricos levam-se pelos arrojos; não tirará desforra! A menina é de uma pertinacia de todos os diabos... tem seus caprichos, embora loucos, são caprichos de mulher e os rigores do pai não a amoldarão; se é genio!... O mais é caduquice do velho!

LUIZ GONÇALO. -- (*da d. a. prompto para sahir, dirige-se ao espelho*) Bem; acabando que seja, feche as portas e vá tratar do jardim.

VENTURA -- Sim, senhor; mas esta noite choveu, pelo que acho desnecessario aguar as plantações...

LUIZ GONÇALO. -- Faça o que lhe mando! Veja tambem se quer estabelecer regras, seu malandrão? Sempre tem observações a fazer.

VENTURA. -- Veja V. S. que está sem a *encommenda* no peito...

LUIZ GONÇALO -- (*verificando*) Ah! *ia-me já* esquecendo. Vá bu cal-a.

VENTURA. -- Sem ella V. S. não será conhecido por commendador (*sae pela d. b. e volta logo*).

LUIZ GONÇALO -- Este criado é um mettido; agora, cuidadoso é, lá isto é!...

VENTURA -- (*da d. b. sacodindo o pó da commenda*) Já está um pouco usada; requer aposentadoria (*entrega-a*)!

LUIZ GONÇALO. -- Não me entra uma formiga, entende?

VENTURA. — Terei todo cuidado e cautella em estofar as gretas das portas.

LUIZ GONÇALO—Feche a porta e vá cuidar em seus affazeres, percebe? (*sae pelo F.*)

SCENA VII

VENTURA (*só*)

VENTURA. -- (*logo que sae L. Gonçalo, fecha a porta*) Percebo! Percebo!... Maluco velho; obrigar-me a regar as plantações quando Deus fez-me a esmola de as regar por mim; hei

de matal-as affogadas! Pobre Ventura,que não tens cinco minutos para distrahir-te! Distraia-se com as flores, diz elle, como se eu fosse um beija-flores; julga-me talvez borboleta como d. Julita! Pessima mania! Ainda não vi commendador mais maniaco! Os taes namoros da filha tem-lhe transtornado toda a machina da cabeça. Pobre commendador (*canta*)!

Com os namoros da filha
Muito tem que se haver;
E se não tirar partido,
Ha de emfim enlouquecer!

A menina é insaciavel
Na arte de namorar,
E por fim nenhum dos quatro
Lhe ha de a mão conquistar!

E o pobre do commendador ha de o juizo perder. O amor de d. Julita é probo... tem um coração elastico; se uma de suas raias me tocasse por cá...

SCENA VIII

O mesmo e FREDERICO

FREDERICO. (*abre a porta do F., vem de livros debaixo do braço*) Com licença...

VENTURA -- (*indo a elle de um salto abre os braços para embargar-lhe a entrada*) Não tem ingresso! Não pode entrar!..

FREDERICO -- Mas porque, então não me conheces?

VENTURA -- Conheço-o... conheço-o bastante, talvez de sobra; mas é que o commendador saiu e eu em sua ausencia sou o dono desta casa.

FREDERICO -- Pois hei de entrar. Maroto! (*avança, dalhe um empurrão, bate-lhe com os livros e entra*)!

VENTURA -- E' uma... violação! E' um estellionato ás minhas obrigações: já ouviu, Sr. Frederico?

FREDERICO. -- Nada de alterações, senão... (*vai a dar-lhe*)

SCENA IX

Os mesmos e JULIA

JULIA. -- (*da d. a.*) Deixa que entre, Ventura, e retira-te,

VENTURA. -- Mas isto vai de encontro ás terminantes ordens de seu pai (*a parte*)! Vejamos se rende alguma cousa... se escorregar...

FREDERICO. -- (*dando-lhe uma moeda*) De outra occasião observarás com mais pontualidade.

VENTURA. -- (*recebendo*) Sim... sim, de outra occasião... (*a prte*) E' para o lanche, venha!

FREDERICO -- Agora deixa-nos sós.

VENTURA. -- Como nasceram (*a parte*)! Será bom espreital-os do jardim; este sujeito não me parece lá muito *catholico* e a menina é um alho (*sae pela E.*).

SCENA X

JULIA, FREDERICO, *depois* VENTURA

FREDERICO. — Minha Julinha, deixa beijar te as setinosas mãosinhas, faz tanto tempo que as não beijo! (*beija-as*)

JULIA. — Ainda hontem a esta hora, não te lembras?!

FREDERICO. -- Sim, mas já lá se foi o gosto! Eu só quizera levar toda a minha vida asssim... (*da-lhe repetidos beijos*)

JULIA. -- Em breve me farias uma cova na face!

FREDERICO. -- Servir-te-hia de deposito ás tuas lagrimas. Então como vai de disposições o senhor commendador emquanto á nós?

JULIA. -- Sempre o mesmo opposicionista! Está decidido. Frederico, que nada obteremos por amor, de meu pai e que aqui jamais seremos felizes!

FREDERICO. -- Oh! Então fujamos (*pegando-lhe nas mãos*)! Fujamos, minha Julia, fujamos!

JULIA -- O que! Estás louco? Queres que te acompanhe assim de dia, aos olhos de todos?

FREDERICO -- Será uma fugida triumphal! Entraremos no primeiro *bond* que encontrarmos, d'ahi passaremos á um carro, depois .. Que ventura!

VENTURA -- (*da E. trazendo uma flor*) Aqui estou (*a parte*). E' muito cedo para fugirem, maganões (*alto*)! Não estava muito longe...

FREDERICO. -- Mas quem te chamou aqui, intromettido?

VENTURA -- Pareceu-me ouvir, enganei-me. Mas, senhor Frederico, aproveitando o ensejo; olhe, repare como este maldicto insectinho tira, pouco á pouco, a vidinha desta flor...

FREDERICO -- Estou vendo; mas o que tenho eu com isto, idiota?

VENTURA -- (*com interesse*) Mas veja, homem, repare como o esperto está tão a seu gosto no seio desta pobresita...

FREDERICO. -- Já vi, já vi. (*a parte*) Maldito criado!

JULIA -- Já principias com tuas impertinencias.

VENTURA. -- Qual impertinencias! Será bom tambem

que veja com interesse e cuidado o que são estes insectos. *(Indica Frederico.)*

FREDERICO.—Retira-te, importuno! Vá azucrinar o diabo!

VENTURA.—Taes, são, Sr. Frederico, esses insectos humanos no seio dessas flores de carne e osso; pois não são? *(a parte.)* Saiamos, mas cautella com os namoradinhos! *(alto)* Fiquem a seu gosto. *(sae para D. B.)*

SCENA XI

JULIA E FREDERICO

FREDERICO.—Que Ventura aborrecido!

JULIA.—E' um creado todo espirituoso!

FREDERICO.—Se não o conhecesse tomal-o-ia por creado de *republicas*.

JULIA.—E' um republicano sem crenças! O papai não tarda; é bom que te retires, poderia encontrar-te...

FREDERICO.—Não seria bôa a sorpresa. Adeus. De volta d'aula passarei por aqui. *(Beija-lhe a mão.)*

JULIA.—Adeus. Eu te esperarei. *(Frederico sae F.)*

SCENA XII

JULIA, *logo* VENTURA

JULIA.—E' um verdadeiro passa tempo estes namoros! E qual será a moça que possa prescendir desse genero de divertimento innocente, se é elle de necessidade para o desenvolvimento das faculdades da mulher, condemnada ao maldito abandono das evoluções sociaes? Atirada ahi para um canto como um fardo sem utilidade alguma? Ah! venha a emancipação da mulher, venha a nossa sonhada liberdade! Como não serei uma *ladina* ministra, uma activa funccionaria do governo! *(Gargalhadas.)* Mas como não será bonito uma mulher de calções na administração dos negocios publicos? Ah! Elle já deve estar. *(Vai a janella.)*

VENTURA.—*(Da D. E.)* Ei-a no polo do norte! E' sempre assim: uma louquinha sem juizo. *(Alto:)* Bem, está tudo arrumado. Já aguei as plantas, vou agora tratar do cavallo do patrão.

JULIA.—*(Descendo á scena.)* E elle vai sahir á cabriolet?

VENTURA.—Não me deu ordens á respeito, mas como seu pai é o homem das resoluções, vou por prevenção prevenir os animaes, podem bem querer sahir....

JULIA.—O' Ventura? Tu que és um rapaz intelligente, sagaz, activo, espirituoso....

VENTURA.—Oh! D. Julinha, não me esmigalhe com os attributos!...

JULIA.—Tu que és tudo isto, e ainda mais, responde-me: O casamento de uma moça alegre e bonita....

VENTURA.—Como D. Julinha?

JULIA.—Sim, como eu; o casamento de uma moça assim alegre como um *beija-flores*, com um velho ratão, um verdadeiro sorvedouro de rapé, pode se dizer que a flor está enamorada do colibri?

VENTURA.—Isto responde-se em duas palavras, com maior presteza do que uma interpellação na assembléa, feita a qualquer deputado desses dos *apoiados*. Um, velho como D. Julinha me pinta, não tem o mimoso nome de colibri, ao contrario, é o perfeito *zangão*. E a mocinha, D. Julinha, que se casa com um desses agiótas, não póde, é mesmo impossivel ter amor ao tal heróe. E' o gêllo junto ao brazeiro: é o interesse que os leva ao altar, profanando assim o mais sublime dos preceitos da moral. E' uma profanação! Uma monstruosidade!

JULIA.—E's um moralista de força. (*Sae para D. E.*)

SCENA XIII

VENTURA, *depois* L. GONÇALO.

VENTURA.—(*Enleiado:*) E' uma borboleta! Uma cabeça louquinha! Um coração de anjo! Ai! se a *toulinha* pende para meu lado?!... Umas faceirices... Eu lanço-me da ponte abaixo com tanta felicidade! O' moças! Moças loucas que não conheceis os preconceitos da sociedade (*Recita*):

Que ventura cá o Ventura,
Não terá, caros senhores,
Gozando dessa doçura,
Vivendo desses amores!

Eu tambem sinto no peito
Certo aperto, certo ardor:
Um suave, doce effeito,
Das palpitações do amor.

(*L. Gonçalo toca ao F. Ventura vai á elle de um salto*): Não tem ingresso! (*Reconhecendo-o*): Ah! é V. S.?! Pensei que fosse alguem.

LUIZ.—Estou cançado! Uffa velhice!... Então já aguou as plantações?

VENTURA.—Sim, senhor. Estão todas nadando n'agua.

LUIZ.—E não veio alguem por cá?

VENTURA.—Veio... e não veio... sim, senhor.

LUIZ.—Explica-te!

VENTURA.—(*Mysterioso.*) E' que veio... Pois V. S. inda não comprehendeu? Cá não veio ninguem, e se viesse não entraria, pois eu aqui estava para cumprir as ordens. Agora, verdade é, patrão, que veio...

LUIZ.—Com os *capétas*! Quem foi que veio?!

VENTURA.—Um bezouro! O esperto entrou sem se ver, e *zás*, foi direitinho pousar n'aquellas flores; mas dei-lhe tão formidavel pancada com o capacho, que saiu mesmo *zonzo!*

LUIZ.—E Julia, onde está?

VENTURA.—No sotão, fazendo crochet!

LUIZ.—Sempre no maldito mirante!

VENTURA.—E então! Lá é mais fresco! Olhe, V. S., eu bem sei que não sou para dar conselhos á V. S., mas se eu fosse V. S., já tinha mandado derribar aquelle sotão: é um dos trastes desta casa que pouca utilidade tem!

LUIZ.—Sempre o mesmo com tuas idéas de burro.

VENTURA.—Nossas idéas cá são sempre assim.

LUIZ.—Torno a sair, fecha a porta e...

VENTURA.—(*Interrompendo-o.*) Quem cá vier não tem ingresso, comprehendo.

LUIZ.—E's logico. Fecha a porta. (*Sae pelo F.*)

SCENA XIV

VENTURA, *logo* JULIA

VENTURA.—(*Que tem fechado a porta.*) Em materia de logica sou mais logico do que esse commendador. Coitado! Ha tantos assim! E mal de muitos consolo é. (*pausa.*) Que sublime idéa! Vou fazer uma sorpreza a D. Julinha. Esta minha cabeça sempre concebe cada uma! Tratemos de conquistar a patróasinha! Ora lá! Tem se visto tanta fidalga casar com plebeus: e além disto a minha geração não é lá das mais desamparadas! A minha defunta mãi, que Deus a tenha em bom lugar, foi lavadeira afamada das primeiras casas de familia; minha avó, foi parteira examinada e perita consummada; meu pai foi por muitas vezes juiz de facto e meus avós pertenceram ás fileiras da milicia! Eu quero, portanto, casar-me! Nada de mofinas. Hei de procurar uma noiva, cujas qualidades correspondam ás de minha geração. O pai desta louquinha, já é commendador; já não é muito máo! Vou pôr em pratica a minha idéa!

JULIA.—(*Da D. B.*) O papai ainda não chegou?

VENTURA.—Já, mas tornou á sahir. (*á parte.*) Demos começo á grande idéa.

JULIA.—Tão depressa?!

VENTURA.—Sahiu zangado! Aquelle seu pai, sempre tem cada idéa! Agora mesmo acaba de conceber um plano diabolico. Eu tremo pelo commendador!

JULIA.—Mas o que é? Tu me affliges, Ventura!

VENTURA.—Ora! Acalme-se; não é nada de morte .. Mas é um plano!... Aquelle commendador tem cada descoberta!...

JULIA.—Acaba! O que foi? Dize; estou anciosa.

VENTURA.—E' verdade. Metteu-se na cabeça do commendador de que *com pouco*, hoje... já, *sem perda de tempo*, deve entrar por aqui com quatro pedreiros!

JULIA.—Pedreiros livres?! Santa Barbara!

VENTURA.—Qual livres, sinhá D. Julinha. São pedreiros desses que trabalham em tijollos...

JULIA.—E para que? O que vêm cá fazer?!

VENTURA.—Asneiras... asneiras!... Para derribar o sotão, e...

JULIA.—O que dizes?! E' certo? O meu querido mirante! O' Ventura, eu desfalleço... eu morro! (*Cae n'uma cadeira*).

VENTURA.—(*Afflicto.*) O que fiz eu?! Este taniquito agora não foi calculo meu! O' Sra. Andreza? O' Sra. Andreza?! Accuda! Deixam-me que a menina morra sem luz! O' D. Julinha, deixe-se de tremidellas pelo amor de Deus!

JULIA.—Ai! Não é preciso chamar *ninguem*; passou. Mas isto é um sonho, não é, Ventura?

VENTURA.—Podéra! E' pura realidade! (*A' parte.*) Oh! attractivos do amor!

JULIA.—Pois bem! Não ha de acontecer! Hei de vingar-me! (*Senta-se á mesa e escreve*).

VENTURA.—(*A' parte*). O que vai ella fazer? Que asneira fiz eu?

JULIA.—(*Acabando de escrever*). Toma. Vai a casa do Sr. Esteves e entrega-lhe esta carta.

VENTURA.—Ao velho Pancracio?! O usurario proprietario cá do predio! Mas, me perdôe, sem eu não saber o conteúdo contido nesta carta, não levarei...

JULIA.—(*A' parte*). Mintamos a este bregeiro. (*Alto*). Bem sabes que o Sr. Esteves Pancracio é o dono desta casa; pois bem; mando dizer-lhe que venha até cá, e aqui chegando, offereço-me a elle em casamento... só assim ficarei com o meu querido sotão. Dou a mão ao velho e o coração aos móços. O que achas? E' muito singular.

VENTURA.—Que isto de tão singular que é, torna-se plural. (*A' parte*). Eu te arranjarei.

JULIA.—Agora vai depressa, (*Sae para D. E.*)

SCENA XV

VENTURA

VENTURA.—(*Só*). Bravos! Como me hei de rir hoje! Vou sem perder tempo ao velho Esteves, dou-lhe a carta; d'ahi passo ao Policarpo e dou-lhe o recado contido neste papel; faço o mesmo com o Meirelles, e com pouco mais estará esta casa que só igreja em tempo de eleições, cheia de noivos á menina. Está louquinha por marido, que escolha a seu gosto. Depois o desfecho deve ser uma comedia para rir. (*Recita*).

Toca os noivos da menina
Ancioso procurar!
Venha um padre de batina,
Quero rir té estourar!

Que folia! Que alegrão! (*Sae pelo F.*)

SCENA XVI

JULIA

JULIA.—(*Só. Entra da E. com algumas flores que vai depor nos jarros*). Pois será possivel que d'aqui alguns instantes tenha eu de passar pelo dissabor de ver meu querido mirante reduzido á um montão de calice? Obrigarem-me a viver neste andar terreo, d'onde não posso ver os meus amaveis rapazes! Que cabeça de meu pai! Pois não porá em execução o seu plano destruidor. Acabo de escrever ao velho Esteves, e quando aqui chegar, communicar lhe-hei o que ha, e o velho não o approvará. Pedirei ao velho que se oppenha, lhe farei ver as inconveniencias de uma casa sem sotão; o abate que soffrerá nos alugueis, e o velho não estará pelas caduquices do papai! Oh! tirarem-me o prazer da vida, é arrancarem-me a propria vida!

SCENA XVII

JULIA E ESTEVES

ESTEVES.—(*Agiotamente vestido, entra do F.*) Estava de sahida quando recebi o bilhetinho da menina.

JULIA.—(*Sentando-se e convidando-o á sentar-se*). E' verdade, Sr. Esteves Pancracio...

ESTEVES.—(*Assentando-se.*) Um admirador da menina. Um bilhete de V. Exc. chamando-me á pressa... O mez da casa

ainda não se venceo... (*A' parte*). Ah! commendador, se eu fosse rapaz!

JULIA.—Fui encommodal-o, bem sei; desculpe-me.

ESTEVES.—Qual encommodo! Nem pense em tal! Veio dar-me o prazer de estar junto da menina alguns instantes. (*Sorvendo uma pitada*). Ai! meus 20 annos! Accommoda-te, coração, accommoda-te.

JULIA.—(*A' parte*). O velho faz-se de *dandy*! (*Alto.*) Mandei chamal-o para participar-lhe que hoje...

ESTEVES.—Casa-se a menina?!

JULIA.—Menos isto. E' um facto que vai muito contra os interesses do Sr. Esteves...

ESTEVES.—Contra os meus interesses?! V. Exc. assusta-me!

JULIA.—E não é para menos. Meu pai acaba de sahir a procura de uns pedreiros...

ESTEVES.—(*Admirado.*) De uns pedreiros?! A casa estará arruinada?

JULIA.—Não ha tal; mas o papai quer arruinal-a...

ESTEVES.—Estará louco o commendador?!

JULIA.—(*A' parte.*) Vai fasendo effeito. [*Alto.*) Foi procurar pedreiros para demolir o sotão...

ESTEVES.—(*Dá um salto da cadeira, deixando cahir a caixa de rapé.*) Que diz? Derrubar-me o sotão? Que diabo de caraminholas tem o commendador na cabeça?!

JULIA.—(*Levanta-se*). Não consinta, Sr. Esteves...

ESTEVES.—Eu serei algum maluco? Já não sei onde tenho a cabeça. (*Procurando a caixa.*) Onde botei minha boceta de rapé?

JULIA,—(*Apanhando-a*) Aqui está.

ESTEVES.—(*A' parte.*) Que mãosinhas! [*Alto*) O commendador perdeu a cabeça!

JULIA.—Opponha-se com o seu direito de proprietario... Elle não póde tardar, espere-o. Não lhe diga, porém, que fui eu quem o avisou.

ESTEVES.—Por certo! A menina foi o anjo bom que annunciou-me. Que tal!

JULIA.—Bem; até já. Dê-me licença.

ESTEVES.—Pois não. (*A' parte*) Que olhos encantadores.

JULIA.—Cuidado com a pertinencia do papai. (*Sae pela D. E.*)

SCENA XVIII

ESTEVES

ESTEVES,—(*Só, enleiado.*) E' um anjo de saias! (*Pausa*). E esta! Ah! commendador de uma figa, se não tivesses

esse anjinho, hoje mesmo, logo que chegasses, dava-te mandado de despejo. Mandar-me tirar o chapéo da casa! Eu arrebento em pensar! [*Pausa.*) Mas attendendo cá ás agitações de meu coração, essa menina é uma tentação! Se o commendador quizesse ser meu sogro, eu boleria na *burra!* O que importa que as más linguas digam que o amor dos velhos é cheio de prégas, é caduquinho, baboso, desfructavel, tomador de rapé; nervoso? Oh! aquecido por tal pyra, eu seria qual outro Vulcano em amor! (*Longo suspiro.*)

SCENA XIX

O mesmo e VENTURA

VENTURA.—(*Do F.*) Olá! O velho suspira; é o primeiro pretendente! (*Desce á scena*). V. S. já está por cá?

ESTEVES.—Felizmente cheguei a tempo de prohibir que o desmeolado do teu patrão, demolisse-me o sotão da casa.

VENTURA.—(*Admirado.*) O que diz, Sr. Esteves Pancracio?!

ESTEVES.—E' verdade! Se não fosse a filha que me mandasse chamar para prevenir-me, seria com certesa executado o estupido plano de teu amo! Mas elle cá chegará!

VENTURA.—(*A' parte.*) Ai! que está tudo perdido! Escapemo-nos em quanto antes. (*Alto.*) Aquelle commendador tem lembranças. . (*A' parte*). Vou pondo-me ao fresco antes da explosão! (*Sae D. A.*)

SCENA XX

ESTEVES *e logo* VENTURA

ESTEVES.—Se este rapaz servisse de intermediario aos meus amores... Que Ventura!

VENTURA.—(*Donde sahiu*). Prompto.

ESTEVES.—Eu não te chamei.

VENTURA.—Enganei-me. (*Sae*).

ESTEVES.—Não me sae da cachola a tal idéa do commendador. Ah! commendador de uma figa! (*Sae pela E. B.*)

SCENA XXI

VENTURA

VENTURA.—(*Entra da D. B. com o chapeo.*) Já não está! (*Desce á scena*). Que diabo de atrapalhação é uma! E o uzurario que cá não não está?! (*Vai a janella*). Lá está no jardim.

Mas o que tanto acena com as mãos? (*Desce*). Com pouco chegam á entrar aos punhados os pretendentes á mão de D. Julia, quando ella de nada sabe. Eu arrebento de rir... Retiro-me e espero-os como quem de nada sabe. Safa! Em outra não caio eu! (*Sae D. A.*)

SCENA XXII

POLICARPO

POLICARPO.—(*Do F.*) Cá não está viva alma! (*Desce*). Entremos e façamo-nos de casa. (*Senta-se com fleugma*). Oh! como isto é voluptuoso! Se eu nunca pensei em ser digno do amor da filha de um titular! Eu pobre guarda-livros! E' singular! Se eu nunca suppuz que os signaes e acenos do mirante, a nossa conversação muda e telegraphica, tomasse um caracter tão serio, que viesse esbarrar em casamento. Em chegando o commendador, dirijo-me a elle. (*Levanta-se e imita.*) Senhor, o que aqui me traz... (*Ponderando.*) Nada! Não está bom! (*N'outro tom.*) Sr. commendador, um motivo poderoso e para mim de summa felicidade, fez-me hoje transpôr os umbraes de sua casa, para... (*Pondêra*). Ainda não está bom. (*Resoluto*). Sr. Luiz Gonçalo, venho pedir a V. S. a mão de sua Exma. filha. Agora sim. Positivismo no caso! Estamos em pleno seculo positivista. Deixemos os palavrões ocos e os floreios para os poetas, esses habitantes das regiões do idealismo! (*Pausa*). Mas aonde está a gente desta casa? Muito bem! Sou o dono da casa. Façamos de conta que estou em casa propria. Acostumemo-nos logo com a mobilia. (*Senta-se, tira um charuto e phosphoro, acende; tuda isto com fleugma*). Esperemos que chegue alguem. A sociedade só preza o homem de fortuna, venha pois dinheiro, inda que para adqueril-o se tenha de lançar mão da infamia! Oh! a sociedade é pouco escropulosa na indagação desses principios de honra, uma vez que haja ouro. Deixa-se muito bem levar pelas exterioridades.

SCENA XXIII

O mesmo e MEIRELLES

MEIRELLES.—(*Do F.*) Dá licença? Desculpe-me; o Exm. Sr. commendador está em casa? Desejava fallar-lhe.

POLICARPO.—E' bem provavel que não esteja, mas faça favor entrar. (*A' parte*). O hoteleiro Meirelles! (*Alto*). Queira sentar-se, elle não tardará, esteja a seu gosto; não faça ceremonia.

MEIRELLES.— (*A' parte*). Que familiaridade. (*Alto*). Esperarei, pois que o negocio que aqui me traz é de grande interesse para mim. (*Senta-se*).

POLICARPO.—Desculpe-me; eu sou um tanto curioso, tenho esta fraqueza das mulheres. Ao que vem aqui o Sr. Meirelles?

MEIRELLES.—E o Sr. conhece-me?

POLICARPO.—Podéra não! Quem é que não conhece logo á primeira vista a cara de um hoteleiro? Ora, esta é bôa! Mas então, o Sr. vem haver cá do homem, alguma contínha?

MEIRELLES.—Não, Sr. O Exm. Sr. commendador, de quem tenho a honra de ser futuro genro, nada deve a ninguem...

POLICARPO.—(*N'uma gargalhada estrepitosa*). Seu futuro genro?! Esta agora é mesmo para rir! Mas proponhe-se a isto e pretende levar ao fim semelhante desproposito?

MEIRELLES.—E causa isto admiração ao Sr.? Será um *phenomeno*?

POLICARPO.—Na ordem social, talvez. Pois o Sr. Meirelles, o typo mais grotesco que eu tenho visto na classe dos hoteleiros, não vê que não póde aspirar a mão da filha de um titular?

MEIRELLES.—(*Levantando-se*) Mas, o Sr. offende-me, e com que direito?

POLICARPO.—Com o direito da bôa razão. Pois o Sr. Meirelles não conhece os preconceitos sociaes?

MEIRELLES.—Já os vi representados uma vez, é um bom drama. Mas eu que tenho lá com os preconceitos sociaes?

POLICARPO.—Pois não lhe está saltando aos olhos que um commendador não dará a mão de sua filha a um hoteleiro?

MEIRELLES.—(*Intencionalmente*). E a um tôlo?

POLICARPO.—O Sr. Meirelles está soffrendo das faculdades mentaes!

MEIRELLES.—Qual metaes, nem meio metaes! Não é com estas, que me arredarão de meu proposito. Eu cá tenho minhas razões.

POLICARPO.—Lamento do fundo d'alma o seu desarranjo mental. E quer o Sr. ir ao Golgotha sem cruz ás costas?

MEIRELLES.—Sabe de uma cousa? Conselho e rapé dá-se a quem pede. Hei de casar-me. (*Saindo para E*). Vocês fallam de inveja! Que se mordam! (*Sae*).

SCENA XXIV

POLICARPO *e logo* JULIA

POLICARPO.—Já se vio semelhante palerma? Um pretendente á mão de minha noiva! Não está mal! Um rival *typo*!

Não está mal o tal aspirante! Um torpêdo ás minhas aspirações! Um *troca-tintas!*

JULIA.—(*Da D. B*).—Ah! Está por cá, Sr. Policarpo?

POLICARPO.—Humilissimo servo de V. Exc. (*Querendo tomar-lhe as mãos*). O' D. Julinha, como me julgo pequeno ante a magestade deslumbrante de sua figura!

JULIA.—(*A' parte*). Perderia o juizo? (*Alto*). Eu não o comprehendo. Sr...

POLICARPO.=Oh! pelo amor de Deus, não se faça extranha ás suas proprias demonstrações. Como eu a amo! Quando o Ventura deu-me o seu queridinho bilhete... fiquei fulminado de alegria.

JULIA.—O' Sr., eu... Explique-se... explique-se.

POLICARPO.—Sinto-me arrebatado ás regiões do amor. Senti-me voar nas azas de Cupido e demandei o curso de seu vôo, qual novo Icaro, em busca de V. Exc., guiado pelos pharóes de seus olhos, e eis-me á seus pés, (*ajoelha-se*) para adoral-a, para veneral-a!

SCENA XXV

Os mesmos e FREDERICO

FREDERICO.—(*Do F.*) Um novo conquistador! (*Desce á scena de sorpreza*). Bravos ao par! (*Policarpo ergue-se de um salto*).

JULIA.—Ah!

FREDERICO.—Ora, façam favor de não se assustar. Ao vel-os em tão adoravel posição, julgava-os Romeo aos pés de Julieta. (*Gargalhadas: baixo á Julia*). Caçou mais este? E' uma perfeita ventoinha!

JULIA.—Oh! mais isto é um trama urdido pelos senhores. (*A' Policarpo*). O Sr. causa-me nôjo!

FREDERICO.—E com tudo estavão tão ligados! (*A' Policarpo*). O Sr. é um typo bem interessante! Tem-me a figura de um d'aquelles heróes da idade média. (*Ri-se*).

POLICARPO.—Mas... o que quer tambem o Sr.?

FREDERICO.—Se não estivesse n'uma casa que respeito, eu lhe diria o que queria. (*Piza-lhe o pé*).

POLICARPO.—Ui! Não me magôe... Não seja desasado! (*A' parte*). O bruto machucou-me o melhor dos calos!

JULIA.—Oh! os senhores não se retirarão?

SCENA XXVI

Os mesmos e L. GONÇALO

LUIZ.—(*Do F*). Bom dia, meus senhores.

POLICARPO e FRED.—Sr. commendador.

LUIZ.—O que desejam! A que lhes devo a honra de suas presenças?

JULIA.—Eu não sei o que desejam, papai...

FREDERICO.—(*Dando um passo á frente*). A minha felicidade...

POLICARPO.—(*Idem*). A minha ventura, commendador...

FREDERICO.—Eu venho em busca da vida, ou da morte, se me recusar!

LUIZ.—Estão os senhores a apoquentar-me a paciencia!

JULIA,—(*A' parte*). Tremo pelo resultado.

FREDERICO.—Serei filho de V. S. Será a minha maior felicidade neste mundo.

POLICARPO.—E eu... eu serei de V. S. seu extremecido genro. E' a minha risonha aspiração na terra.

SCENA XXVII

Os mesmos e VENTURA

VENTURA.—(*Do f. com uma bolsa de viagem*). Patrão! Patrão! cá desembarcou o Sr. Octavio!

JULIA.—O primo Octavio?!

LUIZ.—O meu sobrinho?!

VENTURA.—Todo inteirinho! Está *pachola*, que é mesmo um gamenho!

LUIZ.—(*Contentissimo*). O' Ventura? Elle vem á carro.

VENTURA.—Não, senhor; vem á *bond*.

POLICARPO.—(*A' parte*). O que significará isto?

JULIA.—O meu querido noivo!

FREDERICO.—(*A' parte*) O' fatalidade! Horrivel caiporismo.

SCENA XXVIII

Os mesmos e OCTAVIO

OCTAVIO.—(*Do F. lança-se aos braços de L. Gonçalo*). Meu querido tio!

LUIZ.—Meu sobrinho! (*Abraçando-o com phrenesi*). Oh! abraça-me! Outro! Mais outro!

VENTURA.—(*Baixo á Frederico e a Policarpo*). Que tal a hypothese?!

OCTAVIO.—Aonde está Julia? A minha almejada noiva?

JULIA.—Aqui estou, primo, sempre junto de ti.

FREDERICO.—(*A' parte*). Eu me abraso em ciumes.

OCTAVIO.—Sempre linda! Sempre encantadôra! Teve muita saudade de mim?

POLICARPO.—(*á parte.*) Eu me suicido!

OCTAVIO.—Meu tio, agora o cumprimento de sua palavra.

LUIZ.—Guardei-a como uma reliquia sagrada.

JULIA.—(*A' Octavio*). Em teus braços, para que maior ventura?

OCTAVIO.—Foste sempre a minha bôa estrella. (*Beija-lhe a testa*).

POLICARPO.—(*a parte*). Este sujeito tem-me geitos de pelintra!

FREDERICO—(*Idem*). O' inveja! Como está alegre este *adonis!*

OCTAVIO.—Quem são estes seus amigos, meu tio?

LUIZ.—Vieram felicitar-me pela tua chegada.

OCTAVIO.—Agradecido pela subida attenção!

FREDERICO.—(*A' parte*). E como engolir esta pillula?

POLICARPO.—*A' parte*). Que papel faço eu nesta farça? (*Sae pelo F*).

SCENA XXIX

Os mesmos, MEIRELLES E ESTEVES.

MEIRELLES.—(*Da E. B. com uma flor na casa do paletot*). O Sr. será nosso padrinho de casamento!

ESTEVES.—(*A' parte*). Pensas que ficarás aqui por muito tempo!

LUIZ.—Estavam no jardim?!

ESTEVES.—E' exacto! Esperava a V. S. a um quarto de hora.

MEIRELLES.—Tal era a nossa soffreguidão... (*A' parte*). Oh! como é bonitinha! Ha de ser minha!

LUIZ.—(*Procurando sahir da critica posição.*) Tenho a honra de apresentar-lhe o meu sobrinho, chegado hoje da côrte, formado em medicina e brevemente meu genro.

MEIRELLES.—(*A parte*) Que ouço? O' maldicção!

VENTURA.—(*Baixo a Meirelles*). Supporte o carão!

ESTEVES.—Mas veja, commendador, nada de demolir-me o sotão da casa... (*Julia faz-lhe signal para que se cale*).

LUIZ.—Demolir o sotão? Mas que sotão?! Quem lhe metteu isto nos miolos?

ESTEVES. — Ninguem. Advinhou o meu dêdo *mendinho*!

MEIRELLES.—(*A' parte*). Com mil leitões assados! Volta a ver os freguezes! Duas horas perdidas! (*Sae pelo F*).

SCENA XXX

Os mesmos, menos MEIRELLES

OCTAVIO.—Meu tio, de hoje a um mez serei seu filho.

FREDERICO.—(*A' parte.*) Isto é mais horrivel que um R na academia? Eu arrebento os botões!

JULIA.—Abençôe-nos, meu pai. Sua filha vai ser a mais feliz das mulheres.

OCTAVIO.—E eu o mais venturoso dõs homens, em possuir a mais virtuosa das esposas.

VENTURA.—(*A' parte.*) Que tôlo! Arrumaram-se!... E eu... no canto!

LUIZ.—O meu amigo Esteves Pancracio, será um dos padrinhos.

ESTEVES.—Oh! é muita honra! (*A parte, tomando rapé*). Accommoda-te, coração; accommoda-te!

FREDERICO.—(*Recita*):

Para que não me retire,
Sem levar nada, Senhores;
Venham d'ahi umas palmas
Em paga de meus amores!

CAE O PANNO.

Por motivos de força maior deixou de ser publicada a segunda fórma d'esta comedia immediatamente depois da publicação da primeira, por isto nota-se o frontespicio com data de 1877, *e só agora o apparecimento de toda a comedia.*